

Reincidindo...

~~CORRECTO E AUMENTADO...~~

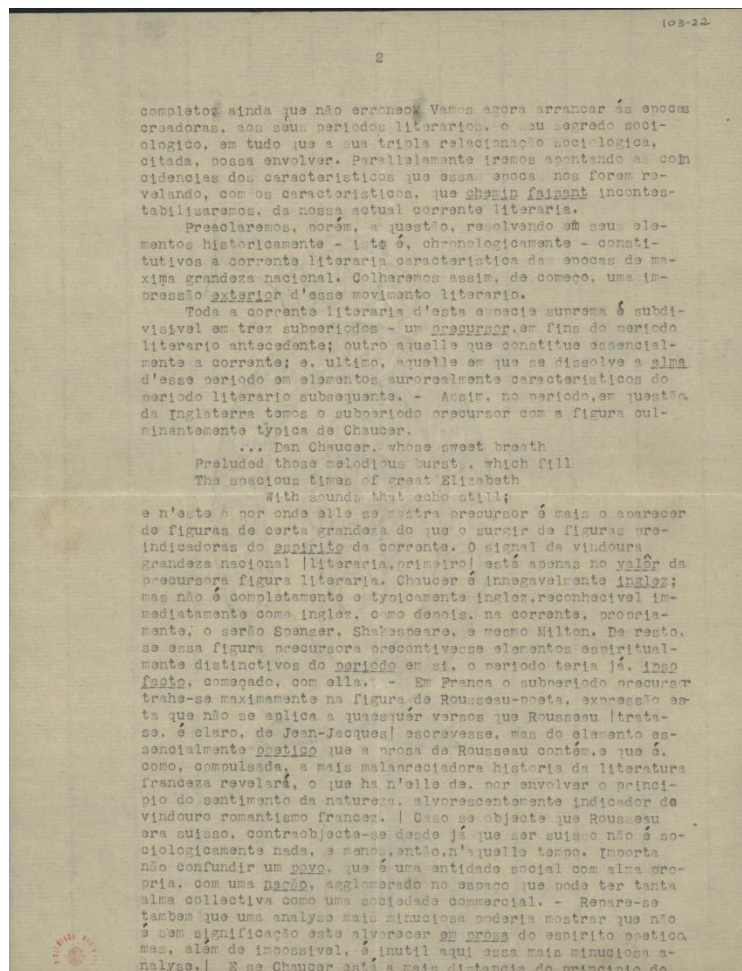
I

N' O Dia, de 24 de abril, o autor de uma Carta de Coimbra entitulada A litteratura e o futuro faz sobre o nosso anterior artigo considerações adversamente criticas. Em si, esse artigo, que poderia ter sido mais offerenda a qualquér deus que o fosse da logica, não tem excepcional importancia similirefutatoria. Mas como, sobre dar expressão pelo menos publica, e até certo ponto lucida, a duvidas e pasmos que o nosso artigo, especialmente pelo modo-de-enunciar as conclusões, causou, a Carta nos dá ensejo de, sem que n'um apice hajam de ser alteradas essas conclusões, clarificar uns pontos e intensificar outros, respondemos-lhe, e, ao mesmo tempo, continuando o nosso summario estudo da grande corrente litteraria, que entre nós começa a abrir caminho, esperamos poder tornar, pela logica, mais proximo da possibilidade de comprehender, que concebivelmente entre bachareis haja, aquillo com que terminava o nosso estudo - com resurgimentos assombrosos, supra-Camões e todas as outras alegrias.

Importa, porém, declarar, antes de tudo, que nem para nós, autor d'elle, offerece o nosso anterior artigo cousa que se pareça com perfeição em materia racionativa. Em sete paginas não se pode claramente e completamente pôr uma argumentação analytica que, para ser rigidamente exhaustiva, sem pressas que a carencia de tempo, ou dogmaticos e axiomatismos que a escassez de espaço, impõe, tem de se deixar estender, em plena liberdade, por uma quasi-centena de paginas. Notamos isto, ainda que mal pareça, para que occasionaes como-que-falhas dialecticas - esses dogmatismos e pressas citados - não nos sejam registados em desprimôr de sinceridade ou certeza, ou de possibilidade, que em nós haja, de irrefutabilisar, desenvolvido que possa ser o raciocinio, as conclusões ultimas da nossa analyse constructiva.

II

Qualquér corrente litteraria tira os caracteristicos, que o raciocinador lhe pode encontrar, de uma tripla relação sociologica. Essa tripla relação revela-se á nossa analyse como sendo, 1º, com o movimento social da nação em que apparece; 2º, com as outras correntes litterarias, nacionaes ou estrangeiras, passadas ou contemporaneas; 3º, com a alma do povo a que pertence. Exgotando, por uma analyse minuciosa, os caracteristicos de uma corrente litteraria em face d'estes trez elementos sociologicos, aqui logicamente normativos, tel-a-hemos caracterisado nitida- e diferencialmente. A analyse esboçada no nosso anterior artigo; e feita sobre os periodos inglez e francez de maxima grandeza litteraria e social, levou-nos a attribuir ao movimento litterario que corresponde a uma epoca creadora trez caracteristicos - o preceder o movimento social creador, o ter novidade, e o ter nacionalidade. Isto é, como se vae vêr, in-



completo, ainda que não erroneo. Vamos agora arrancar ás épocas creadoras, aos seus periodos literarios, o seu segredo sociologico, em tudo que a sua tripla relação sociologica, citada, possa envolver. Parallelamente iremos apontando as coincidencias dos caracteristicos que essa epoca nos forem revelando, com os caracteristicos, que *chemin faisant* incontestabilisaremos, da nossa actual corrente literaria.

Preclaremos, porém, a questão, resolvendo em seus elementos historicamente - isto é, chronologicamente - constitutivos a corrente literaria caracteristica das épocas de maxima grandeza nacional. Colheremos assim, de começo, uma impressão exterior d'esse movimento literario.

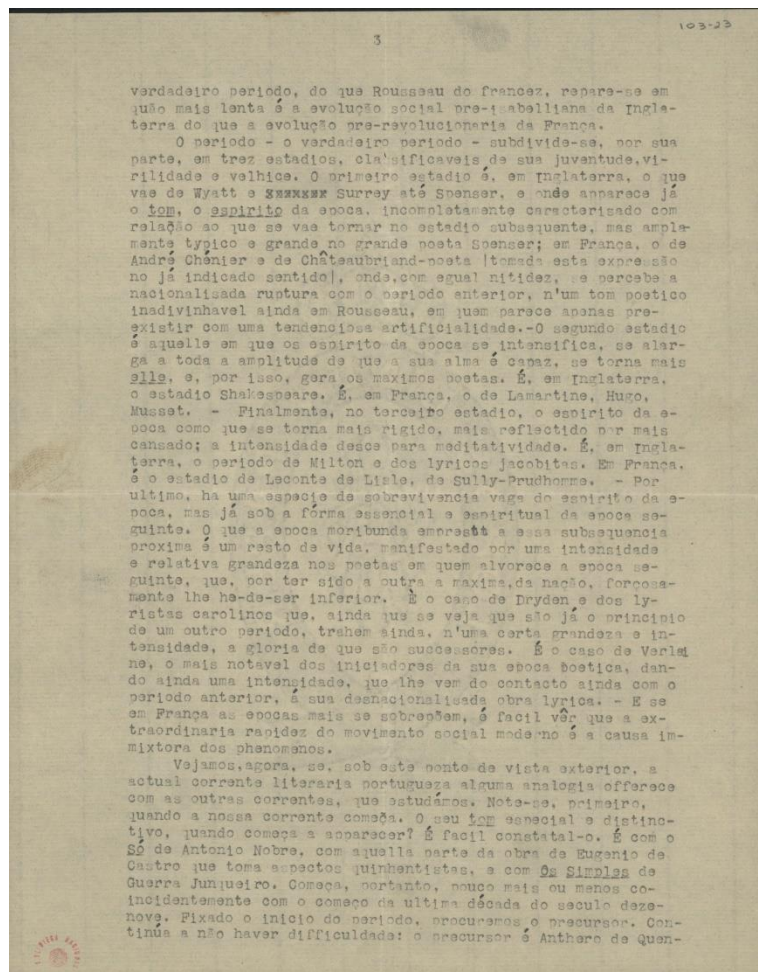
Toda a corrente literaria d'esta especie suprema é subdivisivel em trez subperiodos - um precursor, em fins do periodo literario antecedente; outro aquelle que constitue essencialmente a corrente; e, ultimo, aquelle em que se dissolve a alma d'esse periodo em elementos aurorealmente caracteristicos do periodo literario subsequente. - Assim, no periodo, em questão, da Inglaterra temos o subperiodo precursor com a figura culminantemente typica de Chaucer.

... Dan Chaucer, whose sweet breath  
Preluded those melodious bursts, which fill  
The spacious times of great Elizabeth

With sounds that echo still;

e n'este o por onde elle se mostra precursor é mais o aparecer de figuras de certa grandeza do que o surgir de figuras preindicadoras do espirito da corrente. O signal da vindoura grandeza nacional [literaria, primeiro] está apenas no valôr da precursora figura literaria. Chaucer é innegavelmente *inglez*; mas não é completamente e typicamente *inglez*, reconhecivel immediatamente como *inglez*, como depois, na corrente, propriamente, o serão Spenser, Shakespeare, e mesmo Milton. De resto, se essa figura precursora precontivesse elementos espiritualmente distinctivos do periodo em si, o periodo teria já, *ipso facto*, começado, com ella. - Em França o subperiodo precursor trahe-se maximamente na figura de Rousseau-poeta, expressão esta que não se aplica a quaesquer versos que Rousseau [trata-se, é claro, de Jean-Jacques] escrevesse, mas do elemento essencialmente *poetico* que a prosa de Rousseau contém, e que é, como, compulsada, a mais malapreciadora historia da literatura franceza revelará, o que ha n'elle de, por envolver o principio do sentimento da natureza, alvorescentemente indicador de vindouro romantismo francez. | Caso se objecte que Rousseau era suizo, contraobjecte-se desde já que ser suizo não é sociologicamente nada, e menos, entao, n'aquelle tempo, importa não confundir um povo, que é uma entidade social com alma propria, com uma *paixão*, agglomerado no espaço que pode ter tanta alma collectiva como uma sociedade commercial. - Repare-se tambem que uma analyse mais minuciosa poderia mostrar que não é sem significação este alvorecer *em prosa* do espirito poetico, mas, além de impossivel, é inutil aqui essa mais minuciosa analyse. | E se Chaucer está a mais distancia do principio do

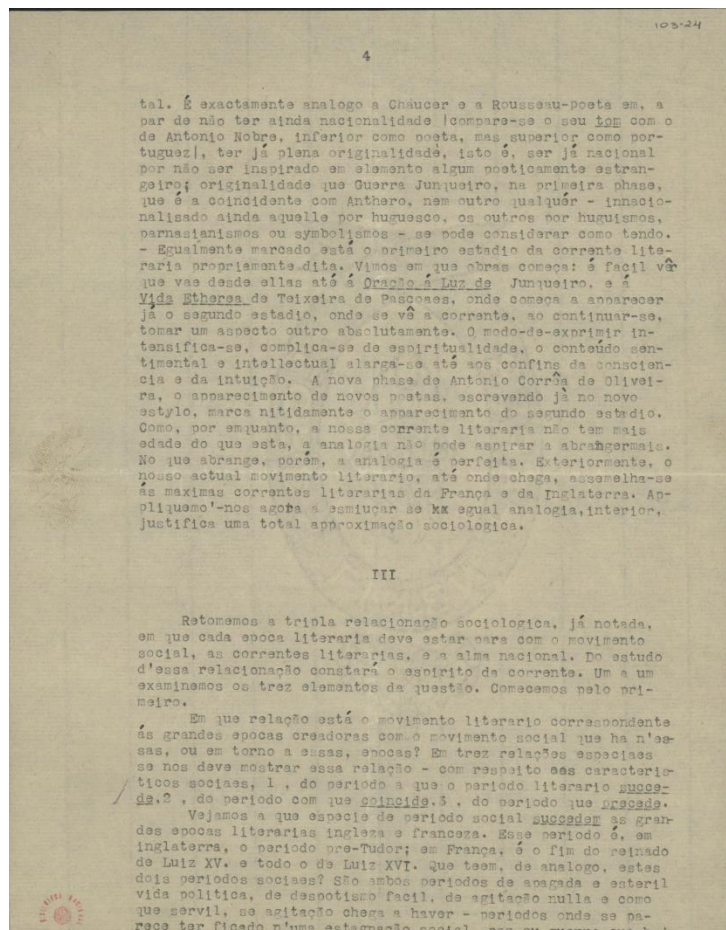




verdadeiro periodo, do que Rousseau do francez, repare-se em quão mais lenta é a evolução social pre-isabelliana da Inglaterra do que a evolução pre-revolucionaria da França.

O periodo - o verdadeiro periodo - subdivide-se, por sua parte, em trez estadios, classificaveis de sua juventude, virilidade e velhice. O primeiro estadio é, em Inglaterra, o que vae de Wyatt e ~~Spencer~~ Surrey até Spenser, e onde apparece já o tom, o espirito da epoca, incompletamente caracterisado com relação ao que se vae tornar no estadio subsequente, mas amplamente typico e grande no grande poeta Spenser; em França, o de André Chénier e de Châteaubriand-poeta [tomada esta expressão no já indicado sentido], onde, com igual nitidez, se percebe a nacionalisada ruptura com o periodo anterior, n'um tom poetico inadivinhavel ainda em Rousseau, em que parece apenas preexistir com uma tendenciosa artificialidade. - O segundo estadio é aquelle em que o espirito da epoca se intensifica, se alarga a toda a amplitude de que a sua alma é capaz, se torna mais elle, e, por isso, gera os maximos poetas. É, em Inglaterra, o estadio Shakespeare. É, em França, o de Lamartine, Hugo, Musset. - Finalmente, no terceiro estadio, o espirito da epoca como que se torna mais rigido, mais reflectido por mais cansado; a intensidade desce para meditatividade. É, em Inglaterra, o periodo de Milton e dos lyricos jacobitas. Em França, é o estadio de Leconte de Lisle, de Sully-Prudhomme. - Por ultimo, ha uma especie de sobrevivencia vaga do espirito da epoca, mas já sob a fórmula essencial e espiritual da epoca seguinte. O que a epoca moribunda empresta a essa subsequencia proxima é um resto de vida, manifestado por uma intensidade e relativa grandeza nos poetas em que alvorece a epoca seguinte, que, por ter sido a outra a maxima, da nação, forçosamente lhe ha-de-ser inferior. É o caso de Dryden e dos lyricistas carolinos que, ainda que se veja que são já o principio de um outro periodo, trahem ainda, n'uma certa grandeza e intensidade, a gloria de que são successores. É o caso de Verlaine, o mais notavel dos iniciadores da sua epoca poetica, dando ainda uma intensidade, que lhe vem do contacto ainda com o periodo anterior, á sua desnacionalisada obra lyrica. - E se em França as epocas mais se sobrepoem, é facil vêr que a extraordinaria rapidez do movimento social moderno é a causa immixtora dos phenomenos.

Vejamos, agora, se, sob este ponto de vista exterior, a actual corrente literaria portugueza alguma analogia offerece com as outras correntes, que estudámos. Note-se, primeiro, quando a nossa corrente começa. O seu tom especial e distinctivo, quando começa a apparecer? É facil constatar-o. É com o Só de Antonio Nobre, com aquella parte da obra de Eugenio de Castro que toma aspectos quinhentistas, e com Os Simples de Guerra Junqueiro. Começa, portanto, pouco mais ou menos coincidentemente com o começo da ultima década do seculo dezenove. Fixado o inicio do periodo, procuremos o precursor. Continúa a não haver difficuldade: o precursor é Anthero de Quen-



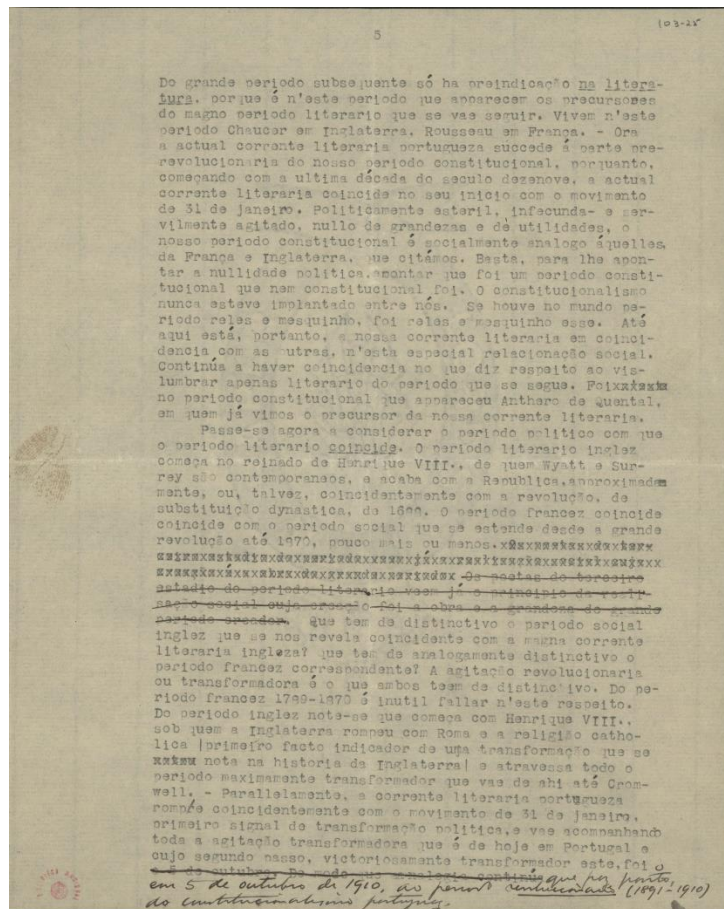
tal. É exactamente analogo a Chaucer e a Rousseau-poeta em, a par de não ter ainda nacionalidade [compare-se o seu *tom* com o de Antonio Nobre, inferior como poeta, mas superior como português], ter já plena originalidade, isto é, ser já nacional por não ser inspirado em elemento algum poeticamente estrangeiro; originalidade que Guerra Junqueiro, na primeira phase, que é a coincidente com Anthero, nem outro qualquer - innacionalizado ainda aquelle por huguesco, os outros por huguismos, parnasianismos ou symbolismos - se pode considerar como tendo. - Eguamente marcado está o primeiro estadio da corrente literaria propriamente dita. Vimos em que obras começa: é fácil vêr que vae desde ellas até á *Oração á Luz* de Junqueiro, e á *Vida Etherea* de Teixeira de Pascoaes, onde começa a apparecer já o segundo estadio, onde se vê a corrente, ao continuar-se, tomar um aspecto outro absolutamente. O modo-de-exprimir intensifica-se, complica-se de espiritualidade, o conteúdo sentimental e intellectual alarga-se até aos confins da consciencia e da intuição. A nova phase de Antonio Corrêa de Oliveira, o apparecimento de novos poetas, escrevendo já no novo estylo, marca nitidamente o apparecimento do segundo estadio. Como, por emquanto, a nossa corrente literaria não tem mais idade do que esta, a analogia não pode aspirar a abranger mais. No que abrange, porém, a analogia é perfeita. Exteriormente, o nosso actual movimento literario, até onde chega, assemelha-se ás maximas correntes literarias da França e da Inglaterra. Appliquemo'-nos agora a esmiuçar se ~~na~~ igual analogia, interior, justifica uma total approximação sociologica.

### III

Retomemos a tripla relacionação sociologica, já notada, em que cada epoca literaria deve estar para com o movimento social, as correntes literarias, e a alma nacional. Do estudo d'essa relacionação constará o espirito da corrente. Um a um examinemos os trez elementos da questão. Começemos pelo primeiro.

Em que relação está o movimento literario correspondente ás grandes epocas creadoras com o movimento social que ha n'essas, ou em torno a essas, epocas? Em trez relações especiaes se nos deve mostrar essa relação - com respeito aos caracteristicos sociaes, 1, do periodo a que o periodo literario succede, 2, do periodo com que coincide, 3, do periodo que precede.

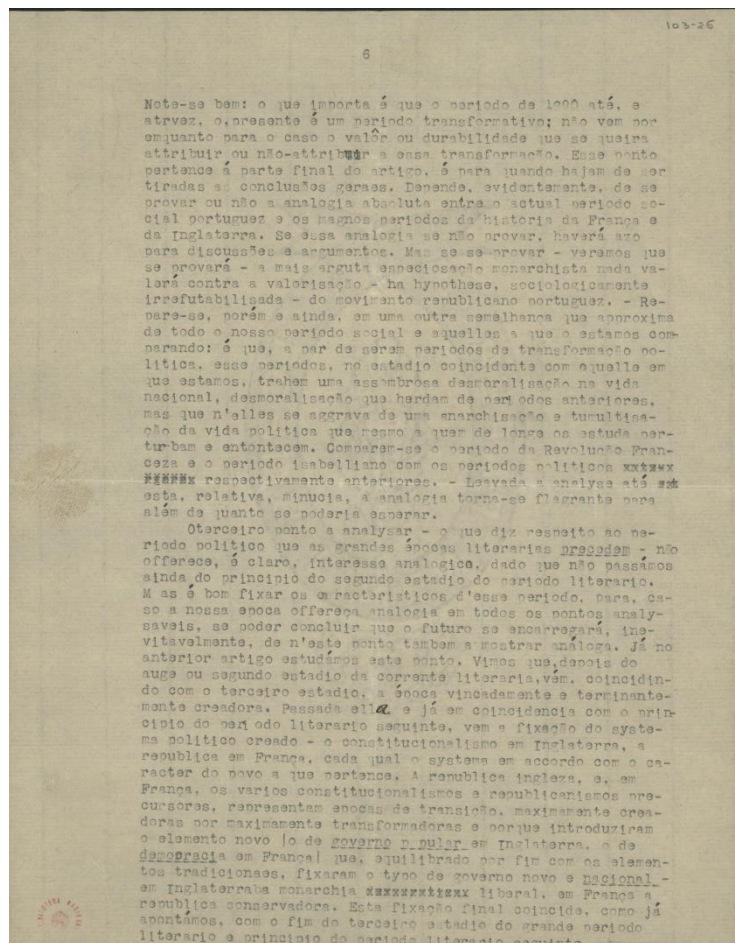
Vejamos a que especie de periodo social *sucedem* as grandes epocas literarias ingleza e franceza. Esse periodo é, em Inglaterra, o periodo pre-Tudor; em França, é o fim do reinado de Luiz XV, e todo o de Luiz XVI. Que teem, de analogo, estes dois periodos sociaes? São ambos periodos de apagada e esteril vida politica, de despotismo facil, de agitação nulla e como que servil, se agitação chega a haver - periodos onde se parece ter ficado n'uma estagnação social, paz ou guerra que haja.



Do grande periodo subsequente só há preindicação na literatura, porque é n'este periodo que apparecem os precusores do magno periodo literario que se vae seguir. Vivem n'este periodo Chaucer em Inglaterra, Rousseau em França. - Ora a actual corrente literaria portugueza succede á parte pre-revolucionaria do nosso periodo constitucional, porquanto, começando com a ultima década do seculo dezenove, a actual corrente literaria coincide no seu inicio com o movimento de 31 de janeiro. Politicamente esteril, infecunda- e servilmente agitado, nullo de grandezas e de utilidades, o nosso periodo constitucional é socialmente analogo áquelles da França e Inglaterra, que citámos. Basta, para lhe apontar a nullidade politica, apontar que foi um periodo constitucional que nem constitucional foi. O constitucionalismo nunca esteve implantado entre nós. Se houve no mundo periodo reles e mesquinho, foi reles e mesquinho esse. Até aqui está, portanto, a nossa corrente literaria em coincidência com as outras, n'esta especial relação social. Continúa a haver coincidência no que diz respeito ao vislumbra-mento apenas literario do periodo que se segue. Foi n'este periodo constitucional que appareceu Anthero de Quental, em quem já vimos o precursor da nossa corrente literaria.

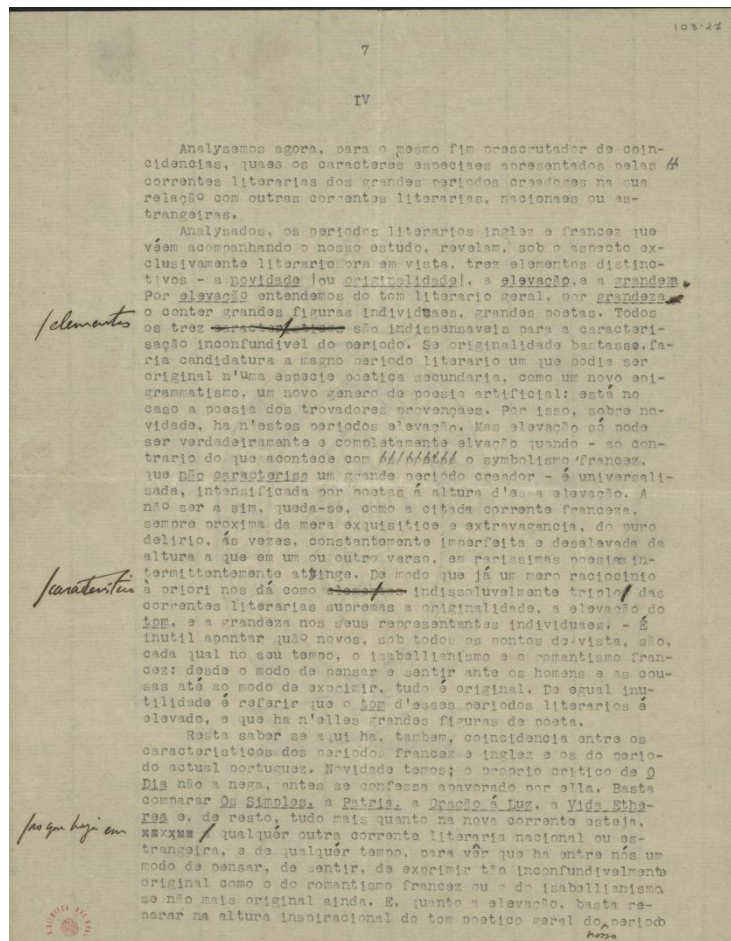
Passe-se agora a considerar o periodo politico com que o periodo literario coincide. O periodo literario inglez começa no reinado de Henrique VIII., de quem Wyatt e Surrey são contemporaneos, e acaba com a Republica, approximadamente, ou, talvez, coincidentemente com a revolução, de substituição dynastica, de 1688. O periodo francez coincide com o periodo social que se estende desde a grande revolução até 1870, pouco mais ou menos. Os poetas do terceiro estadio do periodo literario veem já a realização social cuja criação é a obra do grande periodo. Os poetas do terceiro estadio do periodo literario veem já o principio da realização cuja criação foi a obra e a grandeza do grande periodo. Que tem de distinctivo o periodo social inglez que se nos revela coincidente com a magna corrente literaria ingleza? Que tem de analogamente distinctivo o periodo francez correspondente? A agitação revolucionaria ou transformadora é o que ambos teem de distinctivo. Do periodo francez 1789-1870 é inutil falar n'este respeito. Do periodo inglez note-se que começa com Henrique VIII., sob quem a Inglaterra rompeu com Roma e a religião catholica [primeiro facto indicador de uma transformação que se nota na historia da Inglaterra] e atravessa todo o periodo maximamente transformador que vae de ahí até Cromwell. - Parallelamente, a corrente literaria portugueza rompe coincidentemente com o movimento de 31 de janeiro, primeiro signal de transformação politica, e vae acompanhando toda a agitação transformadora que é de hoje em Portugal e cujo segundo passo, victoriosamente transformador este, foi o 5 de outubro de 1910, ao periodo revolucionario (1891-1910) do constitucionalismo portuguez.





Note-se bem: o que importa é que o periodo de 1890 até, e atravez, o presente é um periodo transformativo; não vem por emquanto para o caso o valôr ou durabilidade que se queira attribuir ou não-attribuir a essa transformação. Esse ponto pertence á parte final do artigo, é para quando hajam de ser tiradas as conclusões geraes. Depende, evidentemente, de se provar ou não a analogia absoluta entre o actual periodo social portuguez e os magnos periodos da historia da França e da Inglaterra. Se essa analogia se não provar, haverá azo para discussões e argumentos. Mas se se provar - veremos que se provará - a mais arguta especiosação monarchista nada valerá contra a valorisação - ha hypothese, sociologicamente irrefutabilizada - do movimento republicano portuguez. - Repare-se, porém e ainda, em uma outra semelhança que approxima de todo o nosso periodo social e aquelles a que o estamos comparando: é que, a par de serem periodos de transformação politica, esses periodo, no estadio coincidente com aquelle em que estamos, trahem uma assombrosa desmoralisação na vida nacional, desmoralisação que herdamos de periodos anteriores, mas que n'elles se agrava de uma anarchisação e tumultisação da vida politica que mesmo a quem de longe os estuda perturbam e entontecem. Comparem-se o periodo da Revolução Franceza e o periodo isabelliano com os periodos politicos ~~anteriores~~ respectivamente anteriores. - Levada a analyse até ~~esta~~ esta, relativa, minucia, a analogia torna-se flagrante para além de quanto se poderia esperar.

O terceiro ponto a analysar - o que diz respeito ao periodo politico que as grandes épocas literarias precedem - não offerece, é claro, interesse analogico, dado que não passámos ainda do principio do segundo estadio do periodo literario. Mas é bom fixar os caracteristicos d'esse periodo, para, caso a nossa epoca offereça analogia em todos os pontos analysaveis, se poder concluir que o futuro se encarregará, inevitavelmente, de n'este ponto tambem a mostrar análoga. Já no anterior artigo estudámos este ponto. Vimos que, depois do auge ou segundo estadio da corrente literaria, vêm, coincidindo com o terceiro estadio, a época vincadamente e terminantemente creadora. Passada ella, e já em coincidência com o principio do periodo literario seguinte, vem a fixação do systema politico creado - o constitucionalismo em Inglaterra, a republica em França, cada qual o systema em accordo com o caracter do povo a que pertence. A republica inglesa, e, em França, os varios constitucionalismos e republicanismos precursoras, representam épocas de transição, maximamente creadoras por maximamente transformadoras e porque introduziram o elemento novo [o de *governo popular* em Inglaterra, o de *democracia* em França] que, equilibrado por fim com os elementos tradicionais, fixaram o typo de governo novo e nacional - em Inglaterra a monarchia ~~democratica~~ liberal, em França a republica conservadora. Esta fixação final coincide, como já apontámos, com o fim do terceiro estadio do grande periodo literario e principio do periodo literario seguinte.

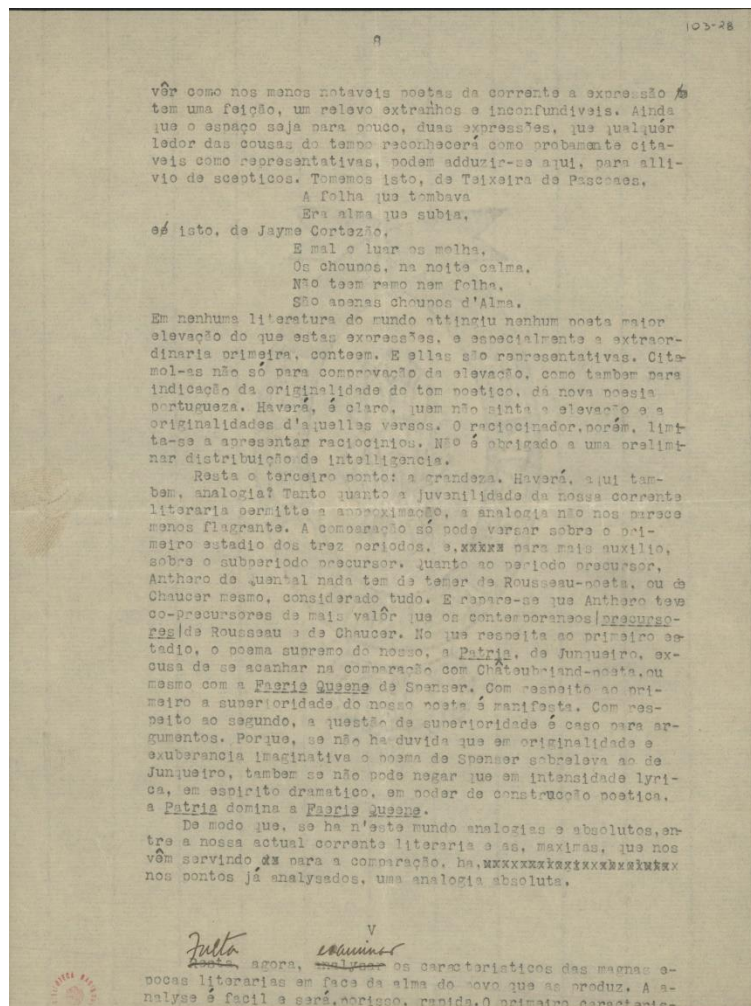


## IV

Analysemos agora, para o mesmo fim prescrutador de coincidencias, quaes os caracteres especiaes apresentados pelas ~~ee~~ correntes literarias dos grandes periodos creadores na sua relação com outras correntes literarias, nacionaes ou estrangeiras.

Analysados, os periodos literarios inglez e francez que vêem acompanhando o nosso estudo, revelam, sob o aspecto exclusivamente literario ora em vista, trez elementos distinctivos - a novidade [ou originalidade], a elevação, e a grandeza. Por elevação entendemos do tom literario geral, por grandeza o conter grandes figuras individuaes, grandes poetas. Todos os trez ~~caracteristicos~~ elementos são indispensaveis para a caracterização inconfundivel do periodo. Se originalidade bastasse, faria candidatura a magno periodo literario um que podia ser original n'uma especie poetica secundaria, como um novo epigrammatismo, um novo genero de poesia artificial: está no caso a poesia dos trovadores provençaes. Por isso, sobre novidade, ha n'estes periodos elevação. Mas elevação só pode ser verdadeiramente e completamente elevação quando - ao contrario do que acontece com ~~os poetas~~ o symbolismo francez, que não caracteriza um grande periodo creador - é universalizada, intensificada por poetas á altura d'essa elevação. A não ser assim, queda-se, com a citada corrente franceza, sempre proxima da mera exquesitice e extravagancia, do puro delirio, ás vezes, constantemente imperfeita e desalevada da altura a que em um ou outro verso, em rarissimas poesias intermittenemente attinge. De modo que já um mero raciocinio à priori nos dá como ~~elementos~~ caracteristico indissolavelmente triplo das correntes literarias supremas a originalidade, a elevação do tom, e a grandeza nos seus representantes individuaes. - É inutil apontar quão novos, sob todos os pontos de vista, são, cada qual no seu tempo, o isabellianismo e o romantismo francez: desde o modo de pensar e sentir ante os homens e as cousas até ao modo de exprimir, tudo é original. De igual inutilidade é referir que o tom d'esses periodos literarios é elevado, e que ha n'elles grandes figuras de poeta.

Resta saber se aqui ha, tambem, coincidencia entre os caracteristicos dos periodos francez e inglez e os do periodo actual portuguez. Novidade temos; o proprio critico de O Dia não o nega, antes se confessa apavorado por ella. Basta comparar Os Simples, a Patria, a Oração á Luz, a Vida Etherea e, de resto, tudo mais quanto na nova corrente esteja, ~~no que a~~ ao que haja em qualquer outra corrente literaria nacional ou estrangeira, e de qualquer tempo, para vêr que ha entre nós um modo de pensar, de sentir, de exprimir tão inconfundivelmente original como o do romantismo francez ou o do isabellianismo, se não mais original ainda. E, quanto a elevação, basta reparar na altura inspiracional de tom poetico geral do nosso periodo



vêr como nos menos notaveis poetas da corrente a expressão ~~te~~ tem uma feição, um relevo extranhos e inconfundiveis. Ainda que o espaço seja para pouco, duas expressões, que qualqêr ledor das cousas do tempo reconhecerá como probamente citaveis como representativas, podem adduzir-se aqui, para allivio de scepticos. Tomemos isto, de Teixeira de Pascoaes,

A folha que tombava  
Era alma que subia,  
~~ee~~ isto, de Jayme Cortezão,  
E mal o luar os molha,  
Os choupos, na noite calma,  
Não teem ramo nem folha,  
São apenas choupos d'Alma.

Em nenhuma literatura do mundo attingiu nenhum poeta maior elevação do que estas expressões, e especialmente a extraordinaria primeira, conteem. E ellas são representativas. Citamol-as não só para comprovação da elevação, como também para indicação da originalidade do tom poetico, da nova poesia portugueza. Haverá, é claro, quem não sinta a elevação e a originalidade d'aquelles versos. O raciocinador, porém, limita-se a apresentar raciocinios. Não é obrigado a uma preliminar distribuição de intelligencia.

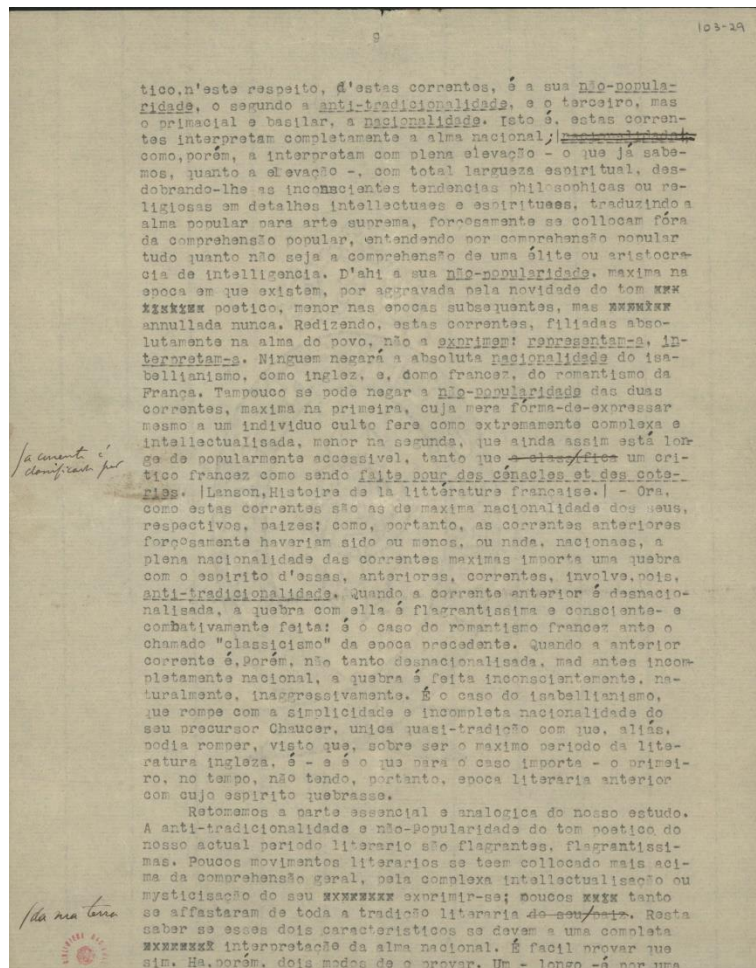
Resta o terceiro ponto: a grandeza. Haverá, aqui também, analogia? Tanto quanto a juvenildade da nossa corrente literaria permite a approximação, a analogia não nos parece menos flagrante. A comparação só pode versar sobre o primeiro estadio dos trez periodos, e, ~~sobre~~ para mais auxilio, sobre o subperido precursor. Quanto ao periodo precursor, Anthero de Quental nada tem de temer de Rousseau-poeta, ou de Chaucer mesmo, considerado tudo. E repare-se que Anthero teve co-precursores de mais valôr que os contemporaneos [~~precursores~~] de Rousseau e de Chaucer. No que respeita ao primeiro estadio, o poema supremo do nosso, a *Patria*, de Junqueiro, excusa de se acanhar na comparação com Châteaubriand-poeta, ou mesmo com a *Faerie Queene* de Spenser. Com respeito ao primeiro a superioridade do nosso poeta é manifesta. Com respeito ao segundo, a questão de superioridade é caso para argumentos. Porque, se não ha duvida que em originalidade e exuberancia imaginativa o poema de Spenser sobreleva ao de Junqueiro, também se não pode negar que em intensidade lyrica, em espirito dramatico, em poder de construcção poetica, a *Patria* domina a *Faerie Queene*.

De modo que, se ha n'este mundo analogias e absolutos, entre a nossa actual corrente literaria e as, maximas, que nos vêm servindo ~~de~~ para a comparação, ha, ~~uma analogia absoluta~~ nos pontos já analysados, uma analogia absoluta.

V

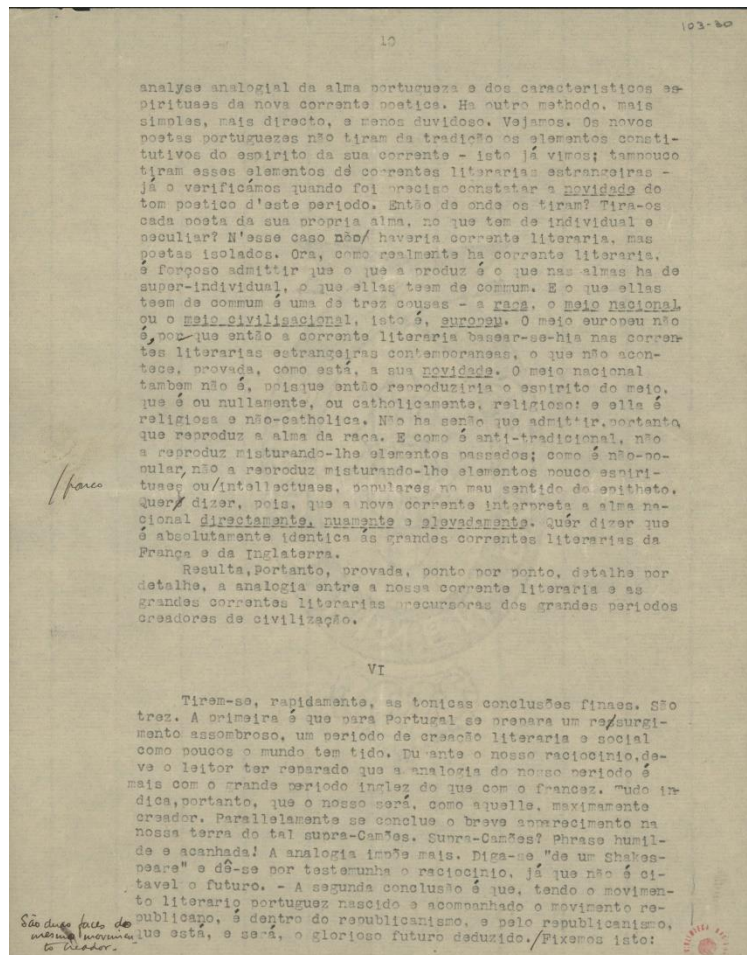
~~Resta~~ Falta agora, ~~analysar~~ examinar os caracteristicos das magnas epocas literarias em face da alma do povo que as produz. A analyse é facil e será, porisso, rapida. O primeiro caracteris-





tico, n'este respeito, d'estas correntes, é a sua *não-popularidade*, o segundo a *anti-tradicionalidade*, e o terceiro, mas o primacial e basilar, a *nacionalidade*. Isto é, estas correntes interpretam completamente a alma nacional; ~~nationalidade~~, como, porém, a interpretam com plena elevação - o que já sabemos, quanto a elevação -, com total largueza espiritual, desdobrando-lhe as inconscientes tendencias philosophicas ou religiosas em detalhes intellectuaes e espirituaes, traduzindo a alma popular para arte suprema, forçosamente se collocam fóra da comprehensão popular, entendendo por comprehensão popular tudo quanto não seja a comprehensão de uma élite ou aristocracia de intelligencia. D'ahi a sua *não-popularidade*, maxima na epoca em que existem, por aggravada pela novidade do tom ~~artistas~~ poetico, menor nas epocas subsequentes, mas ~~popular~~ annullada nunca. Redizendo, estas correntes, filiadas absolutamente na alma do povo, não a *exprimem: representam-a, interpretam-a*. Ninguém negará a absoluta *nacionalidade* do isabellianismo, como inglez, e, como francez, do romantismo da França. Tampouco se pode negar a *não-popularidade* das duas correntes, maxima na primeira, cuja fôrma-de-expressar mesmo a um individuo culto fere como extremamente complexa e intellectualizada, menor na segunda, que ainda assim está longe de popularmente accessivel, tanto que ~~a classifica~~ um critério francez como sendo *faite pour des cénacles et des coteries*. [Lanson, Histoire de la littérature française.] - Ora, como estas correntes são as de maxima nacionalidade dos seus, respectivos, paizes; como, portanto, as correntes anteriores forçosamente haveriam sido ou menos, ou nada, nacionaes, a plena nacionalidade das correntes maximas importa uma quebra com o espirito d'essas, anteriores, correntes, envolve, pois, *anti-tradicionalidade*. Quando a corrente anterior é desnacionalizada, a quebra com ella é flagrantissima e consciente- e combativamente feita: é o caso do romantismo francez ante o chamado "classicismo" da epoca precedente. Quando a anterior corrente é, porém, não tanto desnacionalizada, mas antes incompletamente nacional, a quebra é feita inconscientemente, naturalmente, inaggressivamente. É o caso do isabellianismo, que rompe com a simplicidade e incompleta nacionalidade do seu precursor Chaucer, unica quasi-tradição com que, aliás, podia romper, visto que, sobre ser o maximo periodo da literatura ingleza, é - e é o que para o caso importa - o primeiro, no tempo, não tendo, portanto, epoca literaria anterior com cujo espirito quebrasse.

Retomemos a parte essencial e analogica do nosso estudo. A anti-tradicionalidade e não-popularidade do tom poetico do nosso actual periodo literario são flagrantes, flagrantissimas. Poucos movimentos literarios se teem collocado mais acima da comprehensão geral, pela complexa intellectualisação ou mysticisação do seu ~~expressar~~ exprimir-se; poucos ~~mais~~ tanto se affastaram de toda a tradição literaria ~~do seu país~~ da sua terra. Resta saber se esses dois caracteristicos se devem a uma completa ~~expressão~~ interpretação da alma nacional. É facil provar que sim. Ha, porém, dois modos de o provar. Um - longo - é por uma

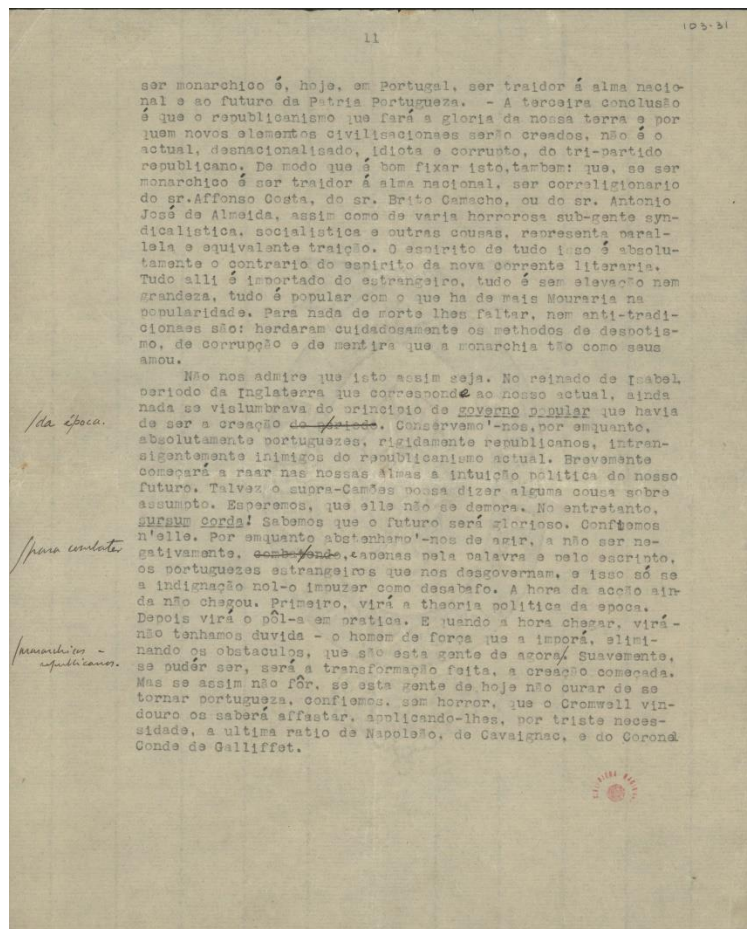


analyse analogical da alma portugueza e dos caracteristicos espirituales da nova corrente poetica. Ha outro methodo, mais simples, mais directo, e menos duvidoso. Vejamos. Os novos poetas portuguezes não tiram da tradiçao os elementos constitutivos do espirito da sua corrente - isto já vimos; tampouco tiram esses elementos de correntes literarias estrangeiras - já o verificámos quando foi preciso constatar a novidade do tom poetico d'este periodo. Então de onde os tiram? Tira-os cada poeta da sua propria alma, no que tem de individual e peculiar? N'esse caso não haveria corrente literaria, mas poetas isolados. Ora, como realmente ha corrente literaria, é forçoso admittir que o que a produz é o que nas almas ha de super-individual, o que ellas teem de commun. E o que ellas teem de commun é uma de tres cousas - a *raça*, o *meio nacional*, ou o *meio civilisacional*, isto é, *europeu*. O meio europeu não é, porque então a corrente literaria basear-se-hia nas correntes literarias estrangeiras contemporaneas, o que não acontece, provada, como está, a sua novidade. O meio nacional também não é, poisque então reproduziria o espirito do meio, que é nullamente, ou catholicamente, religioso: e ella é religiosa e não-catholica. Não ha senão que admittir, portanto, que reproduz a alma da *raça*. E como é anti-tradicional, não a reproduz misturando-lhe elementos passados; como é não-popular, não a reproduz misturando-lhe elementos pouco espirituales ou pouco intellectuales, populares no mau sentido do epitheto, quer dizer, pois, que a nova corrente interpreta a alma nacional *directamente, nuamente e elevadamente*. Quer dizer que é absolutamente identica ás grandes correntes literarias da França e da Inglaterra.

Resulta, portanto, provada, ponto por ponto, detalhe por detalhe, a analogia entre a nossa corrente literaria e as grandes correntes literarias precursoras dos grandes periodos creadores de civilizaçao.

## VI

Tirem-se rapidamente, as tonicas conclusões finaes. São tres. A primeira é que para Portugal se prepara um *ressurgimento* assombroso, um periodo de creação literaria e social como poucos o mundo o tem tido. Durante o nosso raciocinio, deve o leitor ter reparado que a analogia do nosso periodo é mais com o grande periodo inglez do que com o francez. Tudo indica, portanto, que o nosso será, como aquelle, maximamente creador. Parallelamente se conclue o breve apparecimento na nossa terra do tal supra-Camões. Supra-Camões? Phrase humilde e acanhada! A analogia impõe mais. Diga-se "de um Shakespeare" e dê-se por testemunha o raciocinio, já que não é citavel o futuro. - A segunda conclusão é que, tendo o movimento literario portuguez nascido e acompanhado o movimento republicano, é dentro do republicanismo, e pelo republicanismo, que está, e será, o glorioso futuro deduzido. São duas faces do mesmo movimento creador. Fixemos isto:



ser monarchico é, hoje, em Portugal, ser traidor á alma nacional e ao futuro da Patria Portuguesa. - A terceira conclusão é que o republicanismo que fará a gloria da nossa terra e por quem novos elementos civilisacionais serão creados, não é o actual, desnacionalizado, idiota e corrupto, do tri-partido republicano. De modo que é bom fixar isto, tambem: que, se ser monarchico é ser traidor á alma nacional, ser correligionario do sr. Affonso Costa, do sr. Brito Camacho, ou do sr. Antonio José de Almeida, assim como de varia horrorosa sub-gente syndicalista, socialistica e outras cousas, representa parallela e equivalente traição. O espirito de tudo isso é absolutamente o contrario do espirito da nova corrente literaria. Tudo alli é importado do estrangeiro, tudo é sem elevação nem grandeza, tudo é popular com o que ha de mais Mouraria na popularidade. Para nada de morte lhes faltar, nem anti-tradicionaes são: herdaram cuidadosamente os methodos de despotismo, de corrupção e de mentira que a monarchia tão como seus amou.

Não nos admire que isto assim seja. No reinado de Isabel, periodo da Inglaterra que corresponde ao nosso actual, ainda nada se vislumbra do principio de governo popular que havia de ser a criação ~~do periodo~~ da época. Conservemo'-nos, por enquanto, absolutamente portugueses, rigidamente republicanos, intransigentemente inimigos do republicanismo actual. Brevemente começará a raiar nas nossas almas a intuição politica do nosso futuro. Talvez o supra-Camões possa dizer alguma cousa sobre assumpto. Esperemos, que elle não demora. No entanto, *sursum corda*! Sabemos que o futuro será glorioso. Confiemos n'elle. Por enquanto abstenhamo'-nos de agir, a não ser negativamente, ~~combatendo~~ para combater, e apenas pela palavra e pelo escripto, os portugueses estrangeiros que nos desgovernam, e isso só se a indignação nol-o impuser como desabafo. A hora da acção ainda não chegou. Primeiro, virá a theoria politica da epoca. Depois virá o pôl-a em pratica. E quando a hora chegar, virá - não tenhamos duvida - o homem de força que a imporá, eliminando os obstaculos, que são esta gente de agora monarchicos e republicanos. Suavemente, se pudér ser, será a transformação feita. A criação começada. Mas se assim não fôr, se esta gente de hoje não curar de se tornar portugueza, confiemos, sem horror, que o Cromwell vindouro os saberá affastar, applicando-lhes, por triste necessidade, a ultima ratio de Napoleão, de Cavaignac, e do Coronel Conde de Galliffet.



---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](#).